

**GOVERNO DO ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE ESTADO DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
CARLOS ALBERTO REYES MALDONADO
UNEMAT CAMPUS UNIVERSITÁRIO DEP. RENÊ BARBOUR
LICENCIATURA INTERCULTURAL INDÍGENA**

YAWARITU TRUMAI SUYÁ

***AMALE*: UM MITO SOBRE A ORIGEM DO PEQUI**

**Barra do Bugres
2016**

YAWARITU TRUMAI SUYÁ

AMALE: UM MITO SOBRE A ORIGEM DO PEQUI

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Universidade do Estado de Mato Grosso-UNEMAT, *Campus* Universitário Dep. Est. Renê Barbours, como requisito parcial para obtenção do título de graduado em Ciências Sociais.

Orientador: Prof.^a Dr.^a Maria Helena Rodrigues Paes

**Barra do Bugres
2016**

FICHA CATALOGRÁFICA

CIP – CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO

S967a SUYÁ, Yawaritu Trumai.

Amale: um mito sobre a origem do Pequi / Yawaritu Trumai
Suyá. . – Barra do Bugres, 2016.
29 f. ; 30 cm.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Curso de Graduação
Licenciatura Intercultural Indígena, Faculdade Intercultural Indígena,
Câmpus de Barra do Bugres, Universidade do Estado de Mato Grosso,
2016.

Orientadora: Profa. Dra. Maria Helena Rodrigues Paes.

1. Povo *Trumai*. 2. Cultura. 3. Mito do Pequi. 4. Identidade. I. Paes,
M. H. R., Dra. II. Título. III. Título: um mito sobre a origem do Pequi.

CDU 572.9(=81/=82)(817.2)

YAWARITU TRUMAI SUYÁ

AMALE: UM MITO SOBRE A ORIGEM DO PEQUI

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Banca Avaliadora do Curso de Licenciatura Intercultural – UNEMAT, Campus Universitário Dep. Renê Barbour como requisito para obtenção do título de Licenciado em Ciências Sociais.

Barra do Bugres, 27 de abril de 2016.

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dr.^a Maria Helena Rodrigues Paes
Professora Orientadora

Prof.^a Dr.^a Marli Auxiliadora de Almeida
Professora Avaliadora

Prof. Dr. Neodir Paulo Travessini
Professor Avaliador

**Barra do Bugres
2016**

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a toda comunidade Trumai, em especial, aos meus pais Kowo Trumai Suyá e Ukina Trumai Kaiabi, por terem me apoiado e acreditado em mim em toda trajetória que percorri, desde o princípio, durante a formação no magistério e também durante o período de cinco anos quando estive cursando a graduação na Faculdade Indígena Intercultural na UNEMAT de Barra do Bugres.

Dedico a todos os alunos da escola da minha aldeia e a todos os membros da minha família, assim como a minha avó Kaiulu Trumai com quem coletei todas as informações pesquisadas.

AGRADECIMENTO

Agradeço, em especial, aos meus pais Kowo Trumai Suyá, Ukina Trumai Kaiabi e toda comunidade Trumai da aldeia Boa Esperança, por me apoiarem nos estudos e, além de tudo, por terem carimbado o meu passaporte para ingressar na Faculdade Indígena Intercultural da UNEMAT de Barra do Bugres-MT.

Agradeço à Universidade do Estado de Mato Grosso - UNEMAT e, também, a todos os professores que estiveram envolvidos na formação da 4ª turma de Licenciatura Intercultural e que, de fato, acreditam na qualificação docente indígena e no desenvolvimento de ensino/aprendizado das crianças, jovens e adultos das escolas indígenas.

RESUMO

Neste trabalho apresento o *Amale*, que é o Mito de origem do pequi, contado pelo meu povo *Trumai* desde muitas gerações passadas. O mito *Amale* é um conhecimento tradicional que explica como surgiu a planta e o fruto do pequi para o meu povo. O trabalho está escrito em Língua Portuguesa, entretanto, a narrativa do Mito do pequi está apresentada em língua materna, com a respectiva versão em língua portuguesa, por se tratar de narração de uma anciã *Trumai*, a *Kaiulu Trumai*. É preciso aproveitar a vontade da anciã em narrar este mito por que ela já está bem velhinha e assim esta história não desaparecerá com ela. O registro foi feito com gravador e a anciã narrava em língua materna e, posteriormente, foi feita a versão em língua portuguesa para este trabalho. Esta é uma narrativa histórica com a visão verdadeira do povo *Trumai*, em que se explica como surgiu a planta e os frutos do pequi. Portanto, com o registro escrito deste mito pretendo divulgá-lo e principalmente fortalecer a identidade cultural *Trumai* e manter preservado este conhecimento tradicional, de uma forma que ele não desapareça e se perca futuramente, para que as gerações futuras venham conhecer este mito através de leitura.

Palavras-chave: Povo *Trumai*. Cultura. Identidade. Mito do pequi

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

EJA	Educação de Jovens e Adultos
FUNAI	Fundação Nacional do Índio
SESAI	Secretaria Especial da Saúde Indígena
SIASI	Sistema de Informação da Atenção à Saúde Indígena
TCC	Trabalho de Conclusão de Curso
TI	Terra Indígena
UBS	Unidade Básica de Saúde
UNEMAT	Universidade do Estado de Mato Grosso

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
CAPÍTULO I – O POVO <i>TRUMAI</i>	14
1.1 Breve histórico do povo.....	14
1.2 O povo atualmente.....	18
1.3 Aldeia Boa Esperança <i>Awara'i</i>	20
CAPÍTULO II – CULTURA, MITO E IDENTIDADE: FORTALECIMENTO DE UM POVO.....	22
CAPÍTULO III – KAIULU TRUMAI.....	26
3.1 Biografia de Kaiulu Trumai.....	26
CAPÍTULO IV – O MITO <i>AMALE</i>	28
4.1 <i>Amale</i>	28
4.2 Versão do mito do pequi na língua portuguesa	33
CONSIDERAÇÕES FINAIS	38
REFERÊNCIAS	39

INTRODUÇÃO

O povo Trumai habita o Território Indígena do Xingu, localizado ao norte do Estado de Mato Grosso. Atualmente estamos divididos em três aldeias diferentes: Boa Esperança *Awara'i*, onde moro, *Steinen* e Três lagoas, todas situadas na região do médio Xingu. As duas primeiras aldeias localizam-se em área pertencente ao município de Feliz Natal e a aldeia Três Lagoas pertence ao município de Querência.

A Aldeia Boa Esperança *Awara'i*, fica situada à margem esquerda do principal rio, o rio Xingu, entre o Posto Indígena Pavuru e a aldeia *Morená* (do povo *Kamayurá*). Às margens do rio Von Den Steinen está localizada a aldeia *Steinen*, próxima ao limite, a poucos minutos do antigo e extinto Posto de fiscalização Terra Nova. Já a Três Lagoa é a aldeia que fica localizada na margem direita do Rio Xingu num local que antigamente já existia uma aldeia Trumai. Esta fica num raio de aproximadamente 5 a 6 quilômetros da aldeia *Morená* e de 9 a 10 quilômetros da Boa Esperança. Além disso, há outras famílias morando em outras localidades da região, por exemplo, no antigo posto da FUNAI denominado atualmente de Coordenação Técnica Local Leonardo Villas Boas no alto Xingu, assim como na TI Jarina e também na cidade de Canarana, ao Sul do Território, onde moram algumas famílias Trumai.

Segundo a SIASI/SESAI (2013), a população Trumai chegava a 256 pessoas, mas, contestando esta informação, a partir da minha vivência e convivência com as pessoas, eu diria que a nossa população atualmente chega a bem mais de 250 pessoas entre crianças e adultos. Historicamente, em meados de 1950, este número já esteve bem reduzido, com aproximadamente 20 a 23 pessoas (entre crianças e adultos) como relata os nossos anciãos. A causa da redução populacional daquela época ocorreu por uma drástica epidemia de sarampo que atingiu todos os povos do alto Xingu. Passados mais de seis décadas, a população aumentou significativamente, principalmente, por meio de casamentos com pessoas de outros povos, o que resulta na atualidade o povo Trumai com pessoas de mais de um povo.

Linguisticamente, falamos uma língua isolada, ou seja, não existe nenhuma família linguística que aproxime do nosso idioma. Nos dias atuais, o uso da língua materna é predominante entre os mais velhos, poucos jovens compreendem e falam a nossa língua. A maioria faz uso da língua portuguesa, o que a torna língua materna de muitos, principalmente, entre jovens e crianças. A pouca utilização do próprio idioma entre os Trumai é devido a diversos fatos ocorridos nas últimas seis décadas, uma delas (já citado acima) a forte epidemia de sarampo ocorrido nos anos de 1950, quando foi dizimada mais da metade da população

Trumai. As outras causas, mais recentes, também está relativamente ligada à redução da população daquela época, quando os Trumai se estabeleceram no território atual e passaram a ter casamentos interétnicos, necessitando da língua portuguesa para comunicação diária, conseqüentemente, tornou-se a língua de muitas famílias, causando a pouca utilização da língua materna. Também, ao mesmo tempo, passou a ter influência da introdução de outras línguas no povo, principalmente, as línguas *Kamayurá*, *Aweti* e *Suyá*. Outro fato é a falta de compreensão e o esquecimento do próprio idioma por parte de muitos jovens e, principalmente, pelas crianças.

No entanto, nos dias atuais ainda existem algumas pessoas mais velhas do nosso povo com bastante sabedoria sobre a cultura e a língua, através dos quais estamos buscando fortalecer a comunicação diária na nossa língua e da nossa cultura.

Referente às festividades culturais, temos a cerimônia simbólica de *Hopep*, um ritual que simboliza a morte e a passagem de uma pessoa importante do grupo. Esta homenagem é celebrada depois de um ano e pode demorar até três meses, com períodos de ensaios de cantos, danças, preparação de enfeites e, ao final, ocorre os arremessos de flechas entre os adversários de outros povos convidados. *Tawarawana* é uma outra festa Trumai celebrada nas ocasiões de visitas e trocas com outros povos ou então simplesmente para alegrar a comunidade. Também praticamos a dança com a Taquara, adotada através do contato com os povos do alto Xingu. E mesmo sem realizar há bastante tempo, ainda preservamos na cultura as músicas e os cantos da festa da mandioca (*ole'watl*), furação de orelha (*fapti faxlak*) e também o *Yamurikumã*, a festa das mulheres.

Sobre o mito *Amale*, tema de pesquisa que escolhi para o Trabalho de Conclusão do Curso – TCC, esta escolha aconteceu de forma coletiva, junto com a comunidade Trumai da aldeia Boa Esperança *Awara'i*. De acordo com a situação atual da cultura e da língua materna, com a forte influência da língua portuguesa entre os jovens e também com o sentido de divulgar para que outros povos também conheçam um pouco deste mito de origem do pequi, ficou decidido que o mito estaria apresentado em duas línguas: em língua materna Trumai e com a versão em língua portuguesa.

O mito de origem do pequi é um conhecimento tradicional histórico e representa grande importância para o povo Trumai, pois é uma forma de fortalecimento da cultura e de afirmação da identidade étnica e cultural do meu povo. A narrativa do mito, aqui, é feita sob a ótica verdadeira dos Trumai, ou seja, cremos que este foi um fato real que ocorreu há muito tempo e vem sendo transmitido de geração a geração através da oralidade. Portanto, o registro

deste mito é uma alternativa de mantermos preservado este conhecimento milenar dos anciãos de uma forma que ele não se perca e desapareça futuramente. Acima de tudo, este trabalho irá possibilitar que as gerações futuras tenham a possibilidade de conhecer a história da origem do pequi, por meio da leitura deste trabalho.

Pretendo com o desenvolvimento desta pesquisa fornecer às escolas das comunidades Trumai um novo material de leitura e de ensino de história, na verdade, ensino sobre a cultura Trumai, a partir da narrativa do mito de origem do pequi. Além disso, poderá ser acessada por alunos e por pessoas de outros povos, assim como, por escolas das cidades e alunos não indígenas. Espero poder, dessa forma, compartilhar um pouco o que é de cultura do meu povo com a cultura de outras sociedades, indígenas ou não indígenas. Também pretendo disponibilizar este trabalho de monografia à UNEMAT de forma que possa contribuir e orientar os futuros acadêmicos nos seus Trabalhos de Conclusão do Curso – TCC ou outras formas de pesquisas.

Tenho ainda a perspectiva de que este trabalho de pesquisa contribua de fato para o ensino das crianças e alunos, da geração atual e da geração futura e, também, que traga uma reflexão aos leitores sobre a importância de registrarmos e preservarmos os conhecimentos tradicionais e milenares dos povos indígenas, de uma maneira que estes saberes não se percam e façam prevalecer para sempre o nosso valor e a nossa identidade cultural indígena.

Os motivos que resultaram e que justificam a realização desta pesquisa é pelo fato de não deixarmos que este conhecimento tradicional se perca futuramente, sendo que o mito em si, assim como quase em todas as narrativas, a história e as personagens simbolizam alguma explicação do surgimento, seja a origem do homem, dos animais, das árvores, dos rios, das lagoas, das pedras, dos remansos, das correntezas, entre outros, e que num conjunto de saberes e conhecimentos tradicionais, faz prevalecer a existência da cultura de cada povo. A pesquisa deste mito foi uma alternativa também de me aprofundar na narrativa oral da história, conhecer a origem do pequi de forma detalhada e poder registrá-lo por meio de escrita, sobretudo, por se tratar de uma narrativa histórica, contada pela anciã Kaiulu Trumai.

O referente mito de origem é uma narrativa Trumai em que se explica como surgiu a primeira planta e a árvore do pequi com frutas de diversas cores, a partir do qual se expandiu pelo território levados por animais e também por pessoas de diversos povos. O pequi é uma árvore frutífera encontrada nos lugares das antigas aldeias. É importante ressaltar que o pequi é um alimento bastante apreciado por povos indígenas do Xingu, inclusive, pelos Trumai. O fruto é um alimento que consumimos de diversas formas; cozido, cru, misturado com mingau

de beiju e, além disso, extraímos da fruta o óleo para passar no corpo e se pintar com o urucum. A castanha do fruto, da mesma forma, é consumida e do caroço fazemos o chocalho utilizado nas danças e festas.

Esta pesquisa foi realizada na Terra Indígena do Xingu, na aldeia Boa Esperança *Awara'i* do povo Trumai. O acordo sobre a realização deste trabalho foi de forma coletiva com a minha comunidade. A princípio reuni com todas as pessoas da aldeia, inclusive, com os alunos e também com os pais dos próprios alunos. Consultei e apresentei a todos a ideia da pesquisa em pauta, que tem como principal objetivo registrar e fortalecer a identidade cultural do povo Trumai. A coleta de dados do mito *Amale* ocorreu por meio de uma narrativa oral da anciã Kaiulu Trumai, que narrou a história do começo ao fim, numa duração de vinte minutos. Utilizei um minigravador para gravar e, ao mesmo tempo, fiz o documentário audiovisual com uma câmera digital. A gravação do áudio possibilitou a mim, na sequência, fazer a transcrição do mito na língua materna e depois fazer a versão para a língua portuguesa, juntamente com o auxílio do professor Takap Piyu Trumai Kaiabi, da minha tia Tsaulu Trumai e também com a contribuição da minha mãe Ukiná Trumai Kaiabi. Durante os dias que trabalhamos a transcrição, utilizamos a energia do gerador a diesel, *notebook*, aparelho de som e o *datashow* para que todos pudessem visualizar a escrita.

A pesquisa do mito *Amale* com a Kaiulu Trumai foi de acordo com a proximidade familiar que tenho com ela, por morarmos na mesma aldeia e, sobretudo, por ela ser uma anciã com muito conhecimento sobre cultura do povo, entre os cantos, danças, histórias, mitos e língua.

O trabalho, além da seção intitulada como introdução, está organizado da seguinte maneira: no primeiro capítulo, apresento o histórico do povo Trumai, detalhando fatos sobre sua trajetória pelo território da Terra Indígena Xingu. Neste capítulo, ainda, apresento a Aldeia Boa Esperança, local de realização desta pesquisa. No segundo capítulo, trago alguns conceitos sobre cultura, identidade e mito, cujos temas são importantes para o trabalho. O terceiro capítulo é reservado para informar dados sobre a biografia da Kaiulu Trumai, importante personagem para o registro do mito *Amale*. No quarto capítulo, apresento o resultado da pesquisa, ou seja, o registro do mito *Amale*, sendo que a escrita é feita em língua materna. O mito *Amale* escrito em língua portuguesa vem logo a seguir, ainda no mesmo capítulo.

Finalizando, escrevo as considerações finais, após a realização deste trabalho, que é o registro do mito *Amale*.

CAPÍTULO I – O POVO TRUMAI

O povo Trumai é habitante tradicional da Terra Indígena do Xingu, no Estado de Mato Grosso e é falante de uma língua isolada, a língua Trumai. O povo se organiza atualmente em três aldeias localizadas na região do Médio Xingu: Boa Esperança *Awara'i*, *Steinen* e Três lagoas. A história Trumai passa por alguns acontecimentos marcantes, como relações de conflitos com outros povos e a migração para o Xingu, (num passado mais distante).

Alguns outros fatos do período mais recente estabelece uma relação com a cultura e a organização do povo na atualidade. Sobre estes processos e acontecimentos descreverei um pouco abaixo.

1.1 Breve histórico do povo

Neste primeiro momento, irei apresentar um breve resumo sobre a vinda dos Trumai para o Xingu, com base principalmente nos relatos de Kaiulu e de outros anciãos Trumai, inclusive, com as informações obtidas através da leitura do livro *Os Povos do Alto Xingu - História e Cultura* (2000) de Bruna Franchetto e Michael Heckenberger.

De acordo com as narrativas da Kaiulu e também como relata outros anciões, o povo Trumai veio de uma outra região para o Xingu há muitos anos atrás. Franchetto e Heckenberger (2000, p. 402) relatam que “o pesquisador alemão Karl Von Den Steinen, quando percorreu a região do alto Xingu, na metade do século XIX, considerou os Trumai recém chegados” pois, segundo ele, naquela época, o nosso povo ainda não mantinha uma boa relação com outros povos da região local. E de acordo com nossos anciãos, o povo Trumai teria se deslocado do Leste para a região do alto Xingu, (eles teriam) vindo de um lugar muito distante, inclusive, onde mantinham uma relação de conflito com outros dois povos. A hipótese é de que o nosso povo teria migrado da região entre o Xingu e Araguaia e, assim, teriam atingido ao sudeste da região por meio de um dos afluentes do Rio Xingu: *Tanguro* ou *Kuluene*.

A principal causa que fez os Trumai migrar para o Xingu foi por motivos de conflitos e ataques que eles sofriam constantemente de outros povos daquela região. Não se sabe muito bem que povos seriam esses, mas dizem os anciãos que estes poderiam ser os Xavante e os Karajá. Portanto, eles relatam que o período da migração foi um processo muito difícil, principalmente, devido à falta de alimento que enfrentaram. Dizem que naquele tempo os

Trumai eram bastante numerosos e vinham sendo liderados por dois homens (dos quais a Kaiulu não se lembra os nomes), mas segundo Franchetto e Heckenberger (2000), um se chamava Arikaja e outro Awaturi. Porém, num determinado momento, o grupo se dividiu. Kaiulu relata que esta divisão ocorreu de acordo com a partilha de uma ema que haviam caçado para comerem no caminho. Na ocasião, segundo a Kaiulu, um dos líderes havia pedido o coração da ave, entretanto, só lhe deram a coxa, com isso, ele ficou irritado, porém, não disse nada. Insatisfeito com a partilha da caça, esse líder resolveu então retomar o trajeto de volta, argumentando apenas que estava com saudade do antigo lugar. E segundo Franchetto e Heckenberger (2000), com base também nos relatos de outros anciãos Trumai, Arikaja (um dos líderes), havia pedido o quadril da ema, mas só lhe deram a coxa e, por isso, ficou irritado e resolveu retornar de volta com o seu grupo.

Segundo os mesmos autores, naquele tempo os Trumai estavam acampados na boca do rio *Tanguro*, (já sobre está informação a Kaiulu não se lembra). A partir de então, nunca mais se teve uma informação daquele grupo que retornou para o lugar de origem.

Portanto, depois de uma longa caminhada, o grupo que continuou no caminho, teriam chegado à margem de um rio, que pode ser um afluente do rio *Kuluene*, pelo qual desceram e o seguiram beirando até pararem num local para acampamento, onde então permaneceram por alguns dias. Kaiulu também relata que este foi o lugar onde os Trumai retiraram as cascas de jatobá para construir suas canoas e depois continuaram navegando o rio abaixo, com suas pequenas navegações até encontrarem com um povo, (sobre o qual ela diz que não se lembra quem eram, mas poderia ser Kalapalo ou Kuikuro. Franchetto e Heckenberger (2000) também apresentam a mesma hipótese, ou seja, este povo a quem os Trumai se referem era provavelmente os Kuikuro e, no primeiro momento de aproximação entre os dois povos, houve estranhamento por ambas as partes, mas, no final, o contato com os recém chegados ocorreu de forma pacífica e amigável, havendo em primeiro momento a troca de objetos entre eles.

Com base nas informações e relatos dos nossos anciãos, o primeiro contato e a amizade dos Trumai quando chegaram à região do alto Xingu, como conta a Kaiulu, foi com os Kuikuro, Waurá, Mehinako e Kamayurá e, assim, posteriormente, eles foram aos poucos tendo o contato e a aproximação com outros povos da região. Esse período de contato e a aproximação com os demais povos lhes trouxeram muitos conhecimentos e novos hábitos de vida. Os Trumai, historicamente, não cultivavam a mandioca e nem consumiam o beiju de mandioca. Kaiulu relata que eles extraíam o polvilho de uma fava nativa que chamamos de

Kumanaro para fazer beiju. Eles também não utilizavam a rede para dormir, pois tinham um tipo de tapete chamado *weset*. Naquela época, as mulheres não cortavam as franjas de seus cabelos e, além disso, elas usavam um tipo de saia que envolvia o quadril e a cintura. Os homens também tinham seus cabelos longos e o estilo arredondado foi adotado, a partir do contato com outros povos da região local.

O processo de contato proporcionou aos Trumai daquela época a constituírem e viverem uma nova forma de vida no Xingu. Houve uma revolução na cultura, que eu diria, para melhor, ou seja, para uma forma de vida mais adequada, pois esses novos conhecimentos com certeza facilitaram muito suas vidas. A arquitetura de suas casas tradicionais, por exemplo, foi aperfeiçoada de acordo com o modelo alto xinguano. Com isso, muitas práticas culturais e hábitos alimentares (alto xinguano) passaram a fazer parte da vida cotidiano dos indivíduos Trumai. Eles passaram, por exemplo, a cultivar a roça de mandioca e consumir o beiju de mandioca; os homens que antes utilizavam os cabelos longos passaram a usar o corte arredondado; as mulheres que utilizavam as franjas partidas adotaram o modelo alto xinguano da atualidade e substituíram suas saias femininas por *uluri*; deixaram de dormir num tipo de tapete (*weset*) que produziam e então passaram a utilizar a rede. Houve, então, muita troca de conhecimentos e novos saberes adquiridos por ambas as partes, ou seja, isso ocorreu tanto como no lado dos “intrusos” Trumai, como também por parte dos povos que lá já estavam. Portanto, é fundamental ressaltar que, além de aprender, os Trumai também ensinaram, por exemplo, foram eles que trouxeram ao Xingu o ritual *Hopep* conhecido como *Jawari* e também a festa *Tawarawana*, que acabou sendo incorporada por demais povos do alto Xingu.

Ao longo da história, os Trumai andaram e moraram em diversas localidades da região do Xingu, principalmente, na região do alto e médio Xingu, por onde abriram roças e construíram suas aldeias para morarem, como: *Anaria*, *Wani Wani*, *Urukutu*, *Atixitixik xu*, *Awara'i*, *Jacaré*, *Kranhanha*, e as mais recentes *Makalafia*, Terra Preta e aldeias atuais, como Boa Esperança *Awara'i*, *Steinen* e Três Lagoas. Francheto e Heckenberg (2000) ainda citam outros nomes de outras aldeias antigas, como *Aruparaxu*, *Morená*, *Tawana* (que pode ser *Utawana*) e também *Diauarum* e *Leonardo*, que são os lugares mais recente onde os Trumai também moraram.

Naquela época, o meu povo tinha o hábito de sempre estarem mudando de lugar em lugar. Essas locomoções, geralmente, ocorriam por dois motivos principais: uma delas era por conta da terra que quando ia empobrecendo e quando já não produzia mais uma boa fartura (daquilo que plantavam) em alimentos, eles então mudavam à procura de um novo lugar que

tivesse uma terra boa e que lhes desse uma boa produção em alimentos. O outro motivo era por conta dos povos rivais, com quem eles se confrontavam e mantiveram uma relação de conflito por um longo período na região do Xingu. E esses conflitos faziam com que eles também mudassem de um lugar para o outro para se manterem longe dos inimigos. E ainda de acordo com relatos da Kaiulu e de outros anciãos, esses locais eram sempre fartos de peixes e de caças.

Portanto, os motivos históricos que fizeram com que o meu povo migrasse para o Xingu, se mantivesse na região local com alguns povos, de acordo com nossos anciãos, foram os conflitos mais intensos que os Trumai tiveram com os Suyá (*Kĩsédjê*) e Juruna (*Yudjá*). Eles (os anciãos) relatam que o nosso povo geralmente revidava aos ataques que sofria, pois eles iam sempre em busca da vingança, seja pela morte de seus guerreiros ou pela captura de crianças do grupo, quando então praticavam o mesmo ato contra os inimigos. Eram sempre valentes e temidos por inimigos.

No alto Xingu, a perseguição e ameaças que meu povo sofreu por um longo período aconteceu por parte dos Kamayurá, entretanto, nunca houve um verdadeiro conflito direto entre os dois povos. Porém, a perseguição que tiveram ficou marcada na memória de alguns anciões (do nosso povo), com um sentimento aflito de covardia, principalmente, porque eles lembram que essas perseguições pelos Kamayurá, geralmente, ocorriam quando um indivíduo Trumai estava sozinho; ou quando estava pescando, trabalhando ou viajando e quando estavam em grupo os Kamayurá até se aproximavam, rodeavam suas casas durante à noite, mas nunca demonstravam a valentia de um povo guerreiro e destemido que chegava para confrontar de igual para igual contra os seus inimigos.

Essas breves informações apresentadas acima são baseadas naquilo que os anciãos do meu povo relatam e lembram das histórias, inclusive, com aquilo que conta a *Kaiulu*. As informações parecidas (com as dos anciões) também são apresentadas por alguns autores. Franchetto e Heckenberger (2000) apresentam alguns relatos semelhantes a estes, (sobre a vinda e o contato dos Trumai com outros povos do alto Xingu), com base nas informações e relatos de fontes bibliográficas de alguns pesquisadores e indigenistas, como o Kar Von Den Steinen, Villas Boas e, principalmente, nas pesquisas de antropólogos e linguistas, como a Aurora e Raquel Guirardello, que já estiveram envolvidos diretamente com os Trumai desenvolvendo algumas pesquisas, especificamente sobre a língua e as histórias Trumai.

1.2 O povo atualmente

A nossa população na atualidade está dividida e morando por várias localidades diferentes (no Xingu). Há famílias Trumai que moram (ao norte do Xingu), na Terra indígena Jarina, outros que moram na Coordenação Técnica Local Leonardo Villas Boas (Alto Xingu) e também algumas famílias moram na cidade de Canarana-MT.

Apesar do meu povo estar espalhado por diversos locais do Xingu, mantemos preservadas, na região do Médio Xingu, três aldeias Trumai: a aldeia *Steinen*, a aldeia Três Lagoas, localizada num local da antiga aldeia *Trumai (Atixitixik xu)* e a aldeia Boa Esperança *Awara'i*, situada à margem esquerda do Rio Xingu entre a aldeia *Morená* do povo Kamayurá e a Coordenação Técnica Local Pavuru. Segundo a SIASI/SESAI, em 2013, a população Trumai chegava a 256 pessoas e, com base nesta informação, eu diria que a nossa população atualmente chega a mais de 250 pessoas entre crianças e adultos.

É importante lembrar que os anos de 1950 foi uma época em que a população do meu povo foi drasticamente reduzida pela forte epidemia de sarampo, que atingiu também os demais povos do Alto Xingu. Entre os Trumai eram apenas entre 20 e 23 sobreviventes. Este é um fato trágico e marcante para nós e, se esse não é o único motivo que explica algumas situações por qual o meu povo passa na atualidade, é sem dúvida a principal delas, inclusive, o fato de termos hoje as pessoas do nosso grupo vivendo e morando em diferentes locais do Xingu, e até mesmo fora do Território, como é o exemplo a cidade de Canarana, onde moram algumas famílias Trumai.

A consequência desses acontecimentos tem efeitos até nos dias atuais, pois eles têm afetado, principalmente, na prática e uso da nossa língua e a nossa cultura que atualmente passa por um processo de revitalização. A língua materna, por exemplo, é pouco utilizada na comunicação diária (falada) e vem sendo dominada fortemente pela língua portuguesa, inclusive, e, principalmente, pelas crianças e jovens. As festas e os rituais importantes, como o *Hopep (Jawari)* já não eram realizados, há bastante tempo.

Como resultado do nosso empenho, na luta pela revitalização e preservação da nossa cultura, foi realizada entre julho e agosto de 2015 (com o apoio da FUNAI) uma primeira oficina de *Hopep* na aldeia Boa Esperança *Awara'i*, com objetivo de fortalecermos a prática dessa cerimônia, já que o último ritual tinha acontecido no ano de 1992 na (antiga) aldeia Terra Preta. Entretanto, este ritual não era e nunca tinha sido considerado por nós como extinto, pois ainda mantemos os cantos, por meio de gravações e também por parte de

algumas pessoas que conhecem as músicas e o processo da festa que pode durar até três meses. A oficina reuniu moradores da aldeia Três Lagoa, Steinen, a comunidade da aldeia Boa Esperança *Awara'i* e algumas pessoas Trumai de Canarana.

Uma das alternativas que temos buscado para retomarmos a comunicação na nossa língua materna tem sido por meio do ensino da escrita em língua materna na escola, porém, não tem dado muito resultado ainda. O conhecimento da escrita por parte dos alunos, e para nós também, é um passo fundamental na luta pela preservação da língua e da nossa cultura.

Apesar de nossa população ter reduzido bastante nos anos de 1950, o nosso povo conseguiu alguns anos mais tarde se reconstituir, principalmente, através de casamentos interétnicos. Mesmo em tal condição, o povo ainda procurar manter sua cultura, sua língua, porém, a língua portuguesa começou a fazer parte da comunicação diária de muitas famílias, o que aos poucos foi causando uma forte influência na língua materna de muitos. Os casamentos interétnicos com pessoas de outros povos também trouxeram a influência de outras línguas como Suyá (*Kisêdjê*), Aweti e Kamayurá.

A causa mais recente que resultou na desorganização do meu povo e que os levou a abandonar a antiga e principal aldeia Terra Preta, indo morar em outros locais do Xingu, ocorreu com a perda de algumas pessoas importantes do grupo nos anos de 1990, inclusive, com a morte do então cacique Nitywarĩ Trumai, um grande líder que manteve o seu povo unido até o ano de sua morte. Foi a partir desses acontecimentos que as pessoas se desordenaram, pois ficaram sem rumo e sem líder e, com isso, cada um buscou o seu espaço e o seu lugar para morar. Por exemplo, a família que antes morou na Terra Nova, próximo ao limite no Rio Steinen é a família que se mudou em 2007 para Terra Indígena Jarina e os últimos remanescentes da aldeia Terra Preta abriram uma pequena aldeia que chamaram de Cristalina e se localiza entre o Steinen e a Terra Nova. E foi essa mesma família que logo depois se mudou para a aldeia Três Lagoas. Além disso, houve outras famílias que se mudaram para outros locais já citado antes. A partir de então, o povo Trumai não conseguiu mais se reunir em grande número para realizar suas festividades e rituais de cantos, danças entre outras práticas culturais. Da mesma forma, a comunicação na língua materna entre os Trumai foi se enfraquecendo.

Por fim, quero dizer que este é um pequeno resumo que apresento para se ter uma noção a mais sobre a situação cultural e linguística do meu povo Trumai nos dias atuais. E para se ter uma noção a mais das causas e as consequências sobre a situação atual dos Trumai, é necessário um estudo e uma investigação de forma mais aprofundada.

1.3 Aldeia Boa Esperança *Awara'i*

A aldeia Boa Esperança *Awara'i*, onde moro, é na atualidade, a principal aldeia Trumai. É, na verdade, uma pequena comunidade familiar, do povo onde residem atualmente pouco mais de cinquenta pessoas entre crianças e adultos. A aldeia se localiza no município de Feliz Natal, bem ao centro do Território, na região do Médio Xingu e está situada à margem esquerda do rio Xingu. A aldeia é construída no formato circular e é formada por seis casas tradicionais com cobertura de palhas de injá, sendo que também há uma casa de alvenaria, construída com tijolos, piso de concreto e telhas de cerâmica.

Na comunidade, vivemos basicamente de pesca, da caça e da produção da roça de mandioca, da qual se faz o polvilho e também a farinha. O rio e a floresta para nós é a fonte básica da nossa subsistência e sobrevivência. É sem dúvida a nossa fonte de vida, por exemplo, além de utilizarmos a água do rio para beber, cozinhar os nossos alimentos, lavar as nossas roupas, lavar os utensílios, tomarmos os banhos diários ela é, acima de tudo, o nosso mercado de pesca diário, pois é dela que retiramos no dia-dia o alimento de nosso sustento: o peixe. A floresta, a mata e a terra representam para nós o mesmo valor com a extrema importância, ou seja, terra para morar, construir nossas moradias, plantar e cultivar diversos produtos que consumimos. A mata e a floresta, além de suas essências ao proporcionar o bem estar de todo o nosso povo e também de toda humanidade, é fundamental para caçarmos os animais que consumimos, assim como, coletar frutas nativas e, além de tudo, nos oferece as matérias-primas para produção de arco e flecha, canoas, remos e, principalmente, para construções de nossas casas tradicionais.

Vale ressaltar também que o único acesso que temos para chegar à aldeia é pelo rio, ou seja, via transporte fluvial: barco e motor, canoas, ou com pequenas lanchas e balsas. Descendo o rio, indo em direção ao norte, a 20 minutos de barco (voadeira) está localizado o antigo Posto da FUNAI Pavuru, atualmente, denominado de Coordenação Técnica Local Pavuru, onde tem pista de pouso para pequenas aeronaves e onde funciona também o Polo base de saúde da região local, na qual está localizado uma das Unidade Básica de Saúde-UBS.

Desde a criação do polo pela FUNAI, a pista de pouso para pequenas aeronaves é utilizada quase diariamente pela equipe da Saúde para remoção dos pacientes, assim como, ao retorno dos mesmos quando estão de alta. O Polo abrange e atende atualmente no Médio Xingu 13 aldeias dos povos Kayabi (*Kawaiwete*), Kamayurá, Waurá, Trumai e Ikpeng.

Quanto à questão escolar, ela foi implantada na comunidade da aldeia Boa Esperança, em definitivo, no ano de 1997 e foi reconhecida e pertenceu, a princípio, ao município de Feliz Natal. Alguns anos mais tarde, com a criação da Escola Indígena Estadual Central *Ikpeng*, ela foi anexada e então estadualizada através desta escola Central, de acordo com a vontade da comunidade. A escola atende atualmente um total de 23 alunos divididos em duas turmas: uma turma multisseriada, com 12 alunos e outra turma de EJA de 3º segmento com 11 alunos.

Atualmente os professores na comunidade sou eu, Yawaritu Trumai Suyá, graduando na área de Ciências Sociais e também o professor Takap Piyu Trumai Kaiabi, graduado na área de Línguas Artes e Literatura. A implantação da escola na comunidade proporcionou a mim e aos demais jovens da minha aldeia o conhecimento da escrita na nossa própria língua. Desde, então, quando passei a lecionar na sala de aula, assim como, o professor Takap Piyu, sempre trabalhamos com nossos alunos das séries iniciais o ensino da escrita da própria língua, a partir de pequenas palavras, nomes de animais, nomes de aves, plantas e pequenos textos e frases, seguidos de outras disciplinas, como a da área de Ciências Humanas, Linguagens, Matemática, Ciências e Saberes Indígenas e Ciências Naturais. É, portanto, através da escrita que também estamos trabalhando atualmente o fortalecimento da língua e da cultura, por exemplo, o registro do mito *Amale*, que explica como surgiu a árvore e a planta de pequi para o meu povo Trumai.

CAPÍTULO II – CULTURA, MITO E IDENTIDADE: FORTALECIMENTO DE UM POVO

De acordo com as narrativas orais, como as histórias e as mitologias dos povos indígenas e, principalmente, com base nos conhecimentos tradicionais do meu povo Trumai, apresento neste primeiro momento uma breve concepção que tenho sobre o conceito do mito.

As histórias e os mitos de origens, são saberes e conhecimentos tradicionais e históricos dos nossos antepassados, transmitido de geração a geração através da oralidade. O mito constitui basicamente a cultura e são narrativas que explicam o surgimento das coisas para cada povo e como tudo passou a existir no mundo, acima de tudo, são conhecimentos e saberes interligados com a crença e asseguradas sob a ótica verdadeira dos povos, dos diferentes que sejam.

Os autores Sebastião Monteiro Oliveira e Antônia Silva de Lima (2006) também relatam que o mito é algo que constitui a cultura e está relativamente ligada às práticas das narrativas orais, históricas e dos tempos primordiais. São narrativas que explicam o surgimento e a origem das coisas para cada povo. E ao contrário das concepções científicas do passado, em que consideravam o mito como algo da invenção, ou criada por imaginações, os autores também afirmam que muitos pesquisadores e antropólogos atualmente definem o mito como um acontecimento real e verdadeiro, que realmente explica o surgimento das coisas e como tudo passou a existir no mundo, de acordo com diferentes culturas de cada sociedade, a partir do qual passaram a cultivar e preservá-la por meio da transmissão da oralidade até aos dias atuais.

Partindo desta reflexão e concepção, é que destaco a importância do mito na cultura dos povos indígenas, principalmente, para o fortalecimento e a preservação da identidade cultural dos mesmos.

Os mitos são as narrativas orais, assim cultuada por cada povo indígena ou por diferentes povos da floresta, como ribeirinhos e outros, fundamentada, principalmente, pelos conhecimentos muito antigos que explicam suas origens, origens das coisas, assim como, o surgimento (das coisas para os povos, por exemplo a origem); dos rios, das plantas, dos animais, dos peixes, da chuva, das correntezas, do namoro, etc.

É importante lembrar que os mitos não são somente aqueles fatos que ocorreram, por exemplo, no tempo dos nossos antepassados, eles podem ter suas origens no presente e podem a princípio passar despercebidos. Posso citar como exemplo, e dizer que a humanidade hoje em dia, vem construindo um mito real vivido por diversos povos no mundo, que poderá ser

contado num futuro mais distante. Estou me referindo aos impactos ambientais que a natureza vem sofrendo com suas destruições. Porém, ao invés do surgimento, estes serão os fatos do desaparecimento. Alguns exemplos catastróficos, como o rompimento da barragem de Santa Maria em MG em 2015, desmoronamento de terras em alguns bairros das cidades, alagamento dos rios nas cidades, fortes tempestades, aquecimento climático, desmatamentos sem controle e desaparecimento dos rios, dos lagos, dos igarapés, assim como, as diversas e demais atividades humanas que tem afetado diretamente na vida das sociedades são acontecimentos relevantes e marcantes que permanecerão sempre na memória de cada pessoa. É evidente que são fatos como estes que vêm sendo transmitidos de geração a geração por diferentes povos através da oralidade, ou em alguns casos por escrita.

Em relação a este mesmo conceito, os autores mencionados acima também citam o mito como sendo as histórias que explicam e narram os fatos sobrenaturais, e possuem assim um poder religioso e sagrado, praticados e manifestados por meio de práticas culturais como: as danças, cantos, entre outras cerimônias de forma solene. Os autores ainda destacam a importância do mito na cultura dos povos, como um conhecimento que os orientam no tempo, possibilitando aos mesmos uma reflexão sobre o passado, presente e sobre o futuro. Além disso, eles afirmam que o mito é um conhecimento tradicional muito antigo e de acordo com sua essência, o mito auxilia e estabelece na formação da identidade cultural dos povos.

De acordo com os conceitos apresentados acima sobre o mito, trago agora algumas reflexões que tenho sobre a cultura. Na minha concepção, a cultura é um conjunto de conhecimentos tradicionais praticados e exercidos de tempo ao tempo e diariamente por diversos povos e comunidades indígenas, ou não indígenas. Ou seja, a cultura se origina de acordo com os povos e tem como base a sua língua de origem, cantos danças, mitologias, histórias dos antepassados, alimentos, e se estabelece de acordo com as diversas formas de vidas e de organização social de cada povo. As manifestações culturais, como os rituais de danças, assim como a língua, rezas, histórias, por exemplo, que partem dos saberes tradicionais de uma etnia é sem dúvida as mais essenciais para a existência e a manutenção de uma cultura. Porém, quando menciono sobre a preservação da cultura, essa reflexão me leva além, pois vivemos na atualidade num mundo totalmente cobijado pela questão econômica, através do qual os poderes se concentram nas mãos dos grandes empresários, fazendeiros, latifundiários, mineradores, madeireiras e outros.

Partindo deste raciocínio, quero lembrar a todos os leitores indígenas ou não indígenas, que muitos povos e comunidades indígenas vivem num meio natural hoje

totalmente ameaçado, tenho aqui como exemplo, os povos do Xingu que dependem basicamente da pesca, da caça, e da produção de roças de mandioca de polvilho e de farinha para sobreviverem e tem como fonte de vida e de sobrevivência o rio, a terra e a floresta. Se pararmos para pensar, podemos ir muito mais além, a saúde, por exemplo, é essencial para qualquer ser humano no mundo. É inquestionável que não há cultura sem povos, ou vida sem alimentos, sem a água e sem e a saúde. Para manter uma cultura preservada e viva dentro de uma comunidade indígena, na atualidade, não depende só dela é, essencial que seja ofertada a ela uma boa condição de vida em todos os aspectos, de uma forma que possa manter suas práticas culturais do dia-dia e assim manter sua cultura preservada.

Portanto, a cultura é estabelecida por um o conjunto de conhecimentos e saberes tradicionais praticadas naturalmente por diversos povos indígenas ou não indígenas no seu cotidiano, na qual também estão inseridas a relação do homem com a natureza, em diferentes aspectos.

Com base nos conceitos do mito e da cultura, destaco aqui que o mito é extremamente importante para a cultura, é a parte fundamental do patrimônio cultural e essencial na formação da identidade humana e na identificação de um povo. O mito em si é o fator bastante relevante na cultura, pois constitui o acervo tradicional e cultural dos povos. Além de estabelecer na formação da identidade, o mito também agrega uma interação e ligação entre o presente e o passado. Os mitos como as histórias, sob a ótica verdadeira dos povos, têm acompanhado a Humanidade desde a sua origem aos dias atuais. O mito mostra e apresenta para cada povo como é que surgiu uma determinada realidade, com a explicação do como e porque surgiram as coisas.

De acordo com Sebastião Monteiro Oliveira e Antônia Silva de Lima (2006), é deste aspecto que surge a questão da identidade, sendo constituída e formada, neste caso, pela intervenção do mito na cultura, entre outros elementos, provindo dos conhecimentos tradicionais, históricos e consagrados como valores patrimoniais da cultura, transmitidas de geração a geração através da oralidade ou até mesmo escrita.

Neste sentido, deve-se estabelecer a relação do mito com a identidade, sobretudo, porque o mito está inserido na cultura de um povo, caso contrário, não teria nenhuma importância. E neste horizonte do raciocínio ao analisarmos o conceito sobre o mito, levamos a consciência o tamanho da importância dos mitos na constituição dos valores e das identidades dos povos.

O que é a identidade cultural? A identidade cultural é constituída por um conjunto de conhecimentos básicos da cultura. É sem dúvida os conhecimentos com valores extremamente relevante e de suma importância na cultura dos povos. São processos de saberes e conhecimentos tradicionais de origens próprios ou construídos ao longo das histórias pela humanidade, de acordo com suas culturas, através de experiências de vidas e suas adequações por meio de experimentos, de construção e recriação de acordo com suas formas tradicionais de vida. A identidade é essencial na constituição de uma cultura, é o patrimônio cultural dos povos estabelecida pela língua, histórias dos seus antepassados, mitos, cantos, rituais, pinturas, formas tradicionais de educar e de transmitir ensinamentos.

A identidade cultural surge, portanto, de um conjunto de diversos conhecimentos e saberes tradicionais de um povo, de acordo com suas práticas culturais do dia-dia. Desta forma, o mito auxilia e estabelece na formação da identidade de diversos povos indígenas ou não indígenas.

Assim, compreendo como de extrema relevância o tema do trabalho que aqui é apresentado em forma de monografia, ou seja, apresentação do mito *Amale*.

CAPÍTULO III – KAIULU TRUMAI

3.1 Biografia de Kaiulu Trumai

A Kaiulu é uma anciã do povo Trumai, filha de Aluari Trumai e Yamunua Trumai. Ela nasceu numa antiga aldeia Trumai chamada Anaria, localizada na margem direita do rio Xingu entre a aldeia Morená do povo Kamayurá e a antiga base da FAB Jacaré no alto Xingu. Kaiulu tem hoje aproximadamente 80 anos e mora na aldeia Boa Esperança *Awara 'i*, situada à margem esquerda do Rio Xingu entre a aldeia Morená e Coordenação Técnica Local Pavuru, na região do médio Xingu.

Kaiulu, na infância, conviveu com os pais até a fase de adolescência na região do alto Xingu, por onde andaram e viveram em várias localidades. Ela passou e morou com os pais nas antigas aldeias como Anaria, onde nasceu, córrego do *Aruparaxu*, *WaniWani* onde praticavam muitas festas, como a festa *Tawarawana* e foi onde ela também presenciou o esporte praticado com a bola de mangaba.

A partir daí, mudaram para *Añixi ñixixu* e depois para *Kranhãnhã*, próximo ao antigo Posto da FUNAI, o atual Coordenação Técnica Local Leonardo Villas Boas. Depois de alguns anos, retornaram ao Anaria, de onde mudariam para *Utawana*, no rio Curisevo (Alto Xingu), após uma discussão do pai *Aluari* com o outro líder Trumai. Kaiulu se lembra de que, nesta época, ainda era uma criança e poderia ter entre 9 e 10 anos. Pouco tempo depois, a família foi convidada a voltar à aldeia Anaria a pedido do mesmo líder Trumai com quem o pai havia se desentendido. E foi na aldeia Anaria que ela presenciou a morte do pai Aluari Trumai. A sua morte que ocorreu numa noite, causada por uma forte febre e tosse, como conta a própria Kaiulu, e ali o pai foi sepultado e permanece enterrado.

Na década de 1950, Kaiulu e a família viveram o drama ocorrido com a epidemia de sarampo no alto Xingu, causando enormes perdas e desestrutura na cultura do povo. Nessa época, os Trumai estavam morando no Jacaré. Ela conta que as mortes ocorriam diariamente de forma constante e sem controle. O sofrimento era tanto que as pessoas não conseguiam mais chorar e as cenas pareciam ser uma coisa normal, o que não era. A partir de então, Kaiulu, com sua mãe e seus dois irmãos, um mais novo e o outro mais velho, passaram a conviver com outros sobreviventes da terrível epidemia de sarampo.

Poucos anos mais tarde, Kaiulu conheceu o Pionin Kayabi, vindo da região do Teles Pires (o território tradicional dos Kayabi), com quem se casaria e constituiria uma família. O

casamento com Pionin ocorreu no antigo Posto da FUNAI, Diauarum, nos anos de 1960. Antes de se casar com o Pionin, ela teve o primeiro filho com o Sapain Kamayurá e outros cinco filhos no casamento com o Pionin. Além disso, Kaiulu e Pionin tiveram mais uma filha adotiva e anos mais tarde, quando o marido já havia falecido ela e seus filhos adotaram mais uma criança na família. A família também sofreu a perda do segundo filho. Tawahu o primeiro filho da Kaiulu com o Pionin tinha sido adotado pelo sertanista Claudio Vilas Boas (quando ainda era criança,) e morreu num acidente de carro em São Paulo, no ano de 1984. Um acidente e morte nunca esclarecidos (para a família), rondadas por segredos e mistérios. *Tawahu* estudava e morava em São Paulo e nunca havia se afastado dos pais biológicos, sempre quando podia vinha visitar os pais, irmãos e parentes. Com sua morte, restaram as saudades, lembranças e angústias na falta de esclarecimento do acidente que tirou sua vida.

Com o Pionin, Kaiulu teve cinco filhos biológicos: Tawahu Trumai Kaiabi, Pipi Maãn Kaiabi, Alupá Kaiabi, Takap Piyu Trumai Kaiabi, Arinake Ukina Trumai Kayabi. Os filhos adotivos são Aramy Tsaulu Trumai Kayabi e Matu Koelupi Trumai Kayabi, sendo que o primeiro filho da Kaiulu é o Yanakula Rodarte. O casal Kaiulu e Pionin conviveram juntos até julho de 1994. Foi quando o Pionin faleceu depois de sofrer um acidente de carro que o atingiu numa rua de Brasília-DF.

Durante a convivência com os pais e com outras pessoas do seu grupo, Kaiulu adquiriu diversos conhecimentos em relação ao seu povo, como os cantos, danças, histórias, mitos de origem, ritos de passagens, rituais, entre muitas praticas culturais. E por ter convivido de forma constante com os povos do Alto Xingu, assim como com demais outros povos, Kaiulu também assimilou a sua fala, a língua do povo Kamayurá, aprendeu a falar e expressar essa língua fluentemente, o que lhe torna uma pessoa multilíngue, ou seja, é falante de sua língua de origem Trumai, depois o Kamayurá, português, além de também compreender a língua Suyá (*Kisêdjê*).

Filha de um homem respeitado, sábio e conhecedor da sua cultura ele proporcionou a filha Kaiulu muitas sabedorias e ela conquistou um grande respeito, não só por pessoas do seu povo, mas também por anciãos de outros povos do Alto Xingu.

Portanto, dentro da comunidade ela é uma anciã muito respeitada com muitos conhecimentos e saberes históricos e tradicionais do povo Trumai.

A seguir, apresentarei o relato sobre mito *Amale* (um mito sobre a origem do pequi), de acordo com a narrativa e a entrevista que fiz com a Kaiulu Trumai. O primeiro relato será na língua materna e, em seguida, farei uma versão para a língua portuguesa.

CAPÍTULO IV – O MITO AMALE

4.1 Amale

_ Kale tsile, han, kiki yi le denem nak yar inekte ole'wa yile, pîx' pa laktsike, huch tsidi yile nuk, kuchu ye tsidi yi kiki, kiki di yi huchu ye, inaka ye de kitiwke, teche falowkide, tsiw tu tam da akitiwa, inande akitiwka, a an nale de cha, cha'de a otlotne nale oles de ayale, a an nale, ni awaku nale, det'a len nukan, tach xodakaki tsile, oles aya, aihen, Amale wapfi le in ina anaki, di anaki de, Amale wapfi de, cha ayale oles, olewachas anahã, nahã nale; tak' tak' tak, an anak akwachechde, Amale ke wapfi le anak anak: "Tã herohen de ke! Amale yile. Mus take la yake, aços yake, fa yake tsile, herohen deke ina, inis ha;

_ Kain ka yaw la, mahek wana hu'tsa kaw!

_ Ha hutsa kawaik inetl.

Tã herohen de ke, inande, ina iyi el'lede adoxo, iyi el'lede, ine el'lede, hi wa kachi nale tsiwtu ita, herohen kainke iyin!

_ Okelak!

Inande ukan ina atlek hukan, tach xodakaki hen tach awakepkan nale oles de a' kawan, inis hen, inak a de kuke de inetl, misul akukawa lan nale:

_ Amale amaleeeeeee, amale amaleeeee, amale amaleeeee!

Turukhiaduru nale....huruk, ru ru ru ru ru ru ru; pech lamuktsi nale, ole wa mal ki hen mut'yi iririwka na len, ina hen mut' yik, he alak pata nale, ole waki de topetne,

_ Hen te, nika lan fixi wana hutsa kaw.

_ Hi chi wake hokes kachi ke, alomek kach ha kachi!

Ines hen tsiwtu le hen kachi ka, wakepkan a kachi nalen, hamke tsiwtu yile hen tach kachi ke, akachi nalen, awaku nalen akoçan ne;

_ Ma.

Tsipom da yale atlaç hatlç nale de, tsipom de awapatak tsu nale, wan dad teatl, akitiw ale oles, ha kitiw kumanes...xodakaki hen tach aya le, cha de apiçan nale, xodakapukan xukana nat tam de a apitan nale, hupda maçekan atususa tsitsun a oramapekwach yits, ha kachi lahmi nalede;

_Aha, há, ha, aha ha, hay.

A yi tlatlaṭe de tsile, amach yakede, amale yiki de, alaketsikpatan nalen tach ole, a nahā, nahā;

_ Tixi wakukawa inetl. Akukawa nale;

_ Amale amaleeee, amale amaleeeee; huruk, ṭu ṭu ṭu ṭu.....

Han lat teatl hen, hut mut' yakede, patakde, wakṭichichen, tā kiki herohen yide le,

_ Tixi hi chi hi wake hokes kachi ke, eche hi wake hokes kachi ke.

Kale, hamke len ka chi ke, ha kachi nalen, inis hen tsiwtu le hen tach, yenuk tach xodakakin, ha humaktsu nale cha de a tsipo tsipom de atlatlaṭ nalede, teche chi de hutsapsake, hutsapsan de.

_ Helede a yin!

Ah, ha kachiḍe, awahimiktsi nale, apiṭan nale hen, ha tete nale, ha hokda omaṭeka, ah, ma kale, ma ina, anakte murir ki de api ka, ha kachi lahmi nale hen, ole waki hen an, ole wachas a nahā, nahā, nahan, tak tak, an nahā, nahak mak nale inis hen ami a ami nale,

_ Tixi wana ku kawa inetl.

_ A ku kawa natl hen; amale amaleeee, amale amaleeeeeee, huruk, kuru ru ru ru ru ru...an chumu, na mut' yake iririw kale, helapita nale de..... tā herohen deke yile....

_ Tixi wana kachi hi hokes.

Hamke chi kachi ke, kan tlatlae deke yif kan, tach ham ke tsiwtu yile, kachike, inende huka, awako nale hen, tsipo tsipom, wam de aya, alaketsin de tsile, inis hen an, a'ka in inekte.....torek ki lede iwiran de techek de torek yi yaledede, tsima akitiwka ya kede, denem nak yar yede, inis hen tsile, ha apimik, a humaktsun, atetenale a hokda omaṭeka, he apech a, awahaimiktsi nale hen,

_ Ma. Kale.

_ Ma, ha, ha, hay, ha, aha, hay.

Ayi itlatlaṭ lakitside de mach yakitside tsile, inis hen, in ale hen, iye kuta on de inek,

_ Wana kukawa inetl.

_ Ma amaleeeeeeee, amale amaleeeeeee.....

Kuruk, ru ru ru ru ru ru ru ru..... mut yi patan, hen ine tam a kachi nale hen, tach ham ke yi kachi le, han de tsile, teche han hu'tsa le,

_ Helen ayin! Alaketsi kawa ka hukan.

Alaketsi kaw hukan, olewas cha hen, ta tsidi awakuk ma hen, inis hilaketsi kawa nale olewal yi malan, han ka'chi nale hen, inis hen akuts yi lede makatsi kede awa'os yi.

_ Kiw kiw kiw kiw kiw kiw....

Iyi ma kats nale.

_ Kiw kiw kiw kiw,

Ine yi ki hen,

_ Ha cho inelt kale, ha cho ik.

Han lehen, han xïdich xuxtan nake men, chïis ke tsin, akuts yi le amike,

_ Cho ta, cho ta kaitl wanach! Kale.

_ Haitis hi homa hak, nika in yawak hi detsi a 'wan kawa la. kale.

Inis yi fa xořan kawa nale,

_ Hi de'tsi a wan kawala kain yawak in. kale.

_ Akap haitis hi homa hak hi de'tsi a wan, hi de'tsi a wan ta ki. Kale.

Ï'ï detsi a wan kew cha wan ki a hits homa hak, inis hen ami nale,

_ Okela. Kale.

_ Ma haitis hi wawa hak.

Etsinale hen ina de amale lan, amalek a wan kawa lat, tsi chapa de yi lede,

_ Nina kain, hi desti a wan kawala. Kale. -Inak hi hup tak kain ina hi detsi a wan kawala in yawak.

_ Okela! Kale.

Hutsa nale hen faxtaxer ka nale de, han tsidi wanta yiki de hutsan, faxtaxer ka nale, waku nale hen, wa patak tsu nale hen,

_ Hanis chï deichï?

Tsidi iyi ami, kale.

_ Kanis chï deichï,

_ Alaketsi kawa chï ole'wa malas.

_ Okela!

Han de tsile, tsiweuf yiki api nale, chuda nale hid' daes, in de hid' xotl yake tsile; tik tik tik tik tik.....hid' xotl chuda nalen, hu'da nalechuda ka'tsi ka kwats ki nale hen, chuda kuma nale de la wan ma nes, nide hid' xotl yake, hanes

_ Ha ha ha, kala ketsi kawa hatkek.

Akuts yinuk de amike;

_ Cha kain, cha tenuk, hi chï tenuk, cha hen hi kachik tsi akap.

Int'a nawan cha yale, tsidi ade hu'tsa tak de, ahumaktsu nale, ahumaktsu inis hen kachï pita nale, awapatak tsun hen atete nale hen, atu susa tsitsu, han de tsile te, awakachï lahmi nale:

_ Ma! Kale.

_ Ma.

Aketsi lahmi nale, akachï lahmi nale;

_ A hahay, a hahay.

Akachï lahmi nalen olewaki, ole'wachas an nahã nahã nale,

_ Tak tak tak.

An nahã nahã nale, inis hen ina de te'che chï de pumu,

_ Ale. Kale.

_ Wana kukawa inetl.

Tsiwtutl, wana kukawa inetl, inis hen a kukawan nale;

_ Amale amale, amaleeee, amale amaleee; Huruk kuru ru ru ru ru ru ru...

Yi pata ko nale, helapita nale lat teatl de tsile, ina de akuts tsile, nat tenuk hen, inaka de hi detsi wan kawaktsi hatke de, inade hon lalan nale de, tsidi kachï laf chik tsi le hen, a api api nale, a api api nalen tam, nide, yi a hatsik che tsin nale hen, hatsik che tsin nale hen hudas, faxtaxer yumanen de tsile, an le hen, yi wan katsitdachees chik nale tokï;

_ A'ka. Tokï.

_ A a a a a a!

Tsidi yile puma pumaŕka:

_ A a a a a a elede, a a a a a a?

Pech lapchï nalen, ina de ki nale tsok, tsok tsok tsok tsok tsok tsok tsok tsok tsok pech tak chï nale hen, che tsi kawa nale, tsok tsok tsok, nide hid yile natuescho ko kad tak de yi nale hen, xoŕes hid yake, wa kachï nale hen, pike ki de chïn, inis hen a, tsidi de awaŕkan de;

_ A a a a a a a!

Tixï ka na hu'tsa kawa hi a echetl! Kale. -In ka de hi a eche chï, kainka hi eche chï, ŕixï ka na hu'tsa kaw!

Ahu'tsa kawa nale faxdis.

_ A a a! waŕkan nale hen.

_ Aaa aaa, ah nad de hi fa inetl, ha nade hi fa.

An a faxtaxer nale de inekte an, mapa mapa hid, nahã nahã, idïch nahã nahã, iyi kuhmu le hen inekte yanï mut tawariri, yanï mut iyi kuhmu le:

_ Iwapita tenuk a analots, hi fa ka.

Ina de te, wetl tatke in yale, ina hen tsula kawa nalede, ina hen tsula nale waŕkanede tsidi anak de wapita ka na, tsidi a chomta nes, waŕkan nale, inis hen, ina anak de iyi tsiman

amale yi, tsima nalen, inande, tsima tan de chumu chu, inis hen, inek hen ine chi de wapitike, chom tan de tsidi anaki, han awaŕkan, awaŕkan nalen, awaŕkan nalehen ki, ina han, inekte ayi wa puhmu kawake tsile,

_ Helede hi waŕkan! Kale.

_ Awaŕkan tak nuk hi chi! Kale.

_ Wana' sa kawa, wana, deani wana ain! Kale.

_ Wana sa kawa waŕkan tak nuk, di wanki, wan ali i'an piŕi piŕi inak ichuda, wan ali i'anes, hi wanek piŕi piŕi, hik piŕi piŕi hak.

_ Manuk hen!

Inis hen, yupun wan yi sa nalede, nupe nupe hude;

_ Nupe nupe hooo! Wan ali yi ki, i'an yake.

_ Nupe nupe hooo hom hom hom, nupe nupe hooo.

Di pae tam hen wan yi nas tam, wanas tan de tsile di pae, han, inis hen, ayi fatl puchu ukan ka de, tanean hen, ine amale tanen hen, tsinon yi ŕox le tã herohen, tsinon yi ŕox le,tsinon yi aŕi, da yi lakakda nale, itã, tsinon kale de hat yake tsile, da iye ki inu ki yake tsilen, ni a ta one torer ki, ni a ta one omaŕki, ni ata one awow ki, mihliki mihli ki de at yake tsile one yake, tsinon one ide, yenuk kets kain trumai wanek in ke'yawas wan chuda kawa ladke, amale piŕi yi kain kale de wan ami, han, han yi de in hi han pila, amale piŕis kain na han kale, amale piŕi kale kan, ke'yaw yi ki Trumai wan ami tatske, wan tak. Han de ne, ine yi le hen, han, kodel paene ma le, kodel paene ma le; tawaxkad, tukanu, an karikarits, hure'ure, an tan arayu kesne kin iyi tako le hen, yide ine xoŕ'ta yi le kain dein, kale dein, han wak nahã wak nahã kaki tsile, ka' yi wak nahak nia ta, kodel paene, akuts paenek de yi, etsi etsile kale, kale kainke han amale, amale piŕi yile, amale piŕit yi le kain tsinon yi in, ine piŕi ŕoxta yake kain tsile tsinon, iyi wak nahan de kodel paenek de yi etsi etsi de yenuked' de adi de, tsinon da wan wak nahã, adispa helaka tam, wan amin take, han misu welan yi pilan, ko de amuna huka dae oi iyi laf kan, ined' yi de amale piŕit yi de, an ine in (at) yi wat'ka hen tsile, wat'ka de, inande te han yi taromok, aide yi wan o (ohok) aide yin taromok muk pus awe awe ke tiwiri wiri, tiwiri wiri, kale watl ine yi, makakay kale kan tak yin makakay, ine yi le hen tsitlek ta oke;

_ Tixi tsinones ka nahatsi kawa, wana, wat kas hi wan koŕanak, ina tenuk hi wan koŕan inuka ka ha chi kahmi hatke. kale;

_ A okele! Kale, tadif, hokestak, hamke, hamke inande, wan ka'chi lahmi nale, xuitak tenuk hi wan hatsi kale,aimen de xuitak a hatsik ta otkehi apudan, hi apudan hen wan a

hatsi nale, tuk yi wat'kale wan api nale, tuk yi wat' kale wan api nale, kale ay, yi otl'take nale;

_ Ha yotl take kain. Kale.

_ Hanipits ka ukan a chumu chu paṭ! Kale.

Hu'tsan, hutsan.

_ Xuitak wana chumu chu kaw, aha tsinon yi wat'ka tetl kain nitl.

_ Ahak wat'ka tak kain nifke.

Yi chumu chun nale hen, iyotl chum, ay hen tsinon yi wat'kak chī de le; tokī, xoṭ apudas, otle apuda, tokī;

_ Eh he! Inande, faxdis hen, inis hen te tadif a yile hen;

_ Apisi faxdis ka de, apisi de hen kane, tsinon wat'ka kan xoṭ apuda.

Inis, apech lakon nale hen tsitlel;

_ Atsiwe, apisi chī kain han tsinonek hanke dan xoṭ apudak, tsinon yi wat'ka!

(Ah) Inis hen, te, tsitle hutsa kawa le hen, a atu yi chumu chun nakede, Tadif wan yi waṭkan le hen; wan okolon, wan okolon hen, ina hen oi apudan hen iyi tsima nale, hi tsiman de, han makakay yi de, inis hen han tsinon wat'ka hatke hi falapita hatke, tsinon wat'ka hatke falapitan, tsinon wat'kas hi falapitade, yenuk kets kain yi ora kawa naleyenuk de en kade in hi waṭkan kawala hatkede in, hi adif.....

4.2 Versão do mito do pequi na língua portuguesa

Foi assim! Tinha um homem que tinha muita comida, ou seja, ele era o dono de muitas roças de mandioca. Ele tinha duas mulheres, e elas eram belíssimas e eram elas duas é que ralavam e colhiam a mandioca plantada na roça pelo marido. Elas acordavam cedo para irem à roça tirar a mandioca. Era assim todos os dias e ainda estava tudo bem! Até que um dia, quando estavam cortando a rama de mandioca, apareceu um homem para elas, era o *Amale*. Ele estava com o colar de caramujo, a braçadeira, brinco e era muito bonito! E aí uma das moças disse para outra que tinha alguém ali e pediu que ela fosse olhar. Daí então uma das moças foi ver quem era esse rapaz; ela viu que ele era muito bonito, a partir daí começaram a namorar. Ela voltou e disse para a outra que ele era muito bonito. E aí foram embora para casa.

No dia seguinte, voltaram novamente à roça. E dessa vez foram elas que chamaram o *Amale*. Chamaram ele pelo nome:

_ *Amale, amaleee.....*

E aí ele saiu da água fazendo barulho: *Huruk, ru ru ru ru ruuuuuuuuu*. E veio correndo até chegar à beira da roça, onde tirou a sua roupa que era uma capa de jacaré, e lá deixou e foi se encontrar com as duas moças.

Daí uma delas disse para outra ir primeiro e que depois ela iria. Então ela foi. Quando ela voltou a outra foi no seu lugar. Quando terminaram o *Amale* foi embora e elas cataram a mandioca e foram embora para casa.

Daí foram embora contentes, dando risadas. E todas sorridentes, ralaram a mandioca e no dia seguinte levantaram cedo se arrumaram, se pintaram, colocaram os enfeites e foram novamente a roça, rindo e assanhadas. Chegando lá começaram a cortar as ramas e aí uma delas pediu que a outra chamasse o namorado e aí ela foi chamar o *Amale*. Ele chegou no lugar onde sempre parava, tirou a sua capa e de dentro dela saiu um homem que era muito bonito e novamente foi ao encontro das duas.

No dia seguinte foram novamente bem cedo todas contente tomar banho. O marido observando o comportamento de suas mulheres pensou consigo mesmo, dizendo:

_ O que está acontecendo com elas?

Quando voltaram se arrumaram, pegaram o cesto (*murir*) e foram novamente a roça. E no meio da casa, já tinha um cesto grande com polvilho que elas haviam secado para o marido, por que ele era o dono da comida.

No dia seguinte acontecia a mesma coisa, o marido observando decidiu ir à roça para ver o que estava acontecendo e disse para as duas:

_ Eu vou andar um pouco em volta da roça!

E quando as duas chegaram, o marido por sua vez foi a roça. Daí ele foi, e quando estava caminhava em volta da roça encontrou uma cutia comendo a macaúba: *kiw, kiw, kiw, kiw, kiw, kiw*. Vendo a cutia ele pensou:

-Vou flechar ele!

E quando estava com o arco e a flecha pronta para lançar na cutia a cutia falou:

-Não me fleche, não me flecha não, eu tenho uma coisa para lhe contar! Aqui tem um homem que está sempre namorando suas mulheres!

E aí o rapaz se assustou! E a cutia falou outra vez:

_ Tem uma pessoa namorando suas mulheres. Vem aqui que vou mostrar o lugar onde ele namora elas!

_ É mesmo? O homem respondeu.

_ Vamos eu te levo lá! Disse a cutia.

E aí seguiram caminhando. Eles foram andando até chegarem no lugar que estava bem limpo. E aí a cutia falou:

_ É aqui que ele sempre está namorando suas mulheres! É aqui que alguém namora suas mulheres e você não sabe!

_ É mesmo. O homem respondeu!

E quando ele viu o lugar onde suas mulheres se encontravam com o *Amale* ele ficou muito bravo, com muita raiva! E aí ele voltou para casa; quando chegou suas mulheres elas perguntaram:

_ Onde você foi?

E ele respondeu:

_ Eu fui andar em volta da roça!

E aí o marido pegou as flechas e começou a fazer, passou o dia inteiro fazendo, fez bastante flechas e terminou só de tarde! E disse:

_ Amanhã bem cedo vou dar uma volta!

E a cutia também falou para ele:

_ Amanhã você vem bem cedo! Você tem que ser o primeiro a chegar bem cedo!

Como a cutia falou, no outro dia ele foi bem cedo para roça sem as mulheres dele saber. E enquanto as duas foram tomar banho, o marido saiu e quando elas voltaram também foram à roça. E aí o marido já estava lá. Como sempre faziam, umas das moças chamou o namorado. O *Amale* chegou no lugar de sempre, tirou sua capa e foi ao encontro das duas! E aí a cutia falou para o rapaz:

_ Espera aí que ele vai vir namorar sua mulher!

Ele ficou lá olhando e a mulher dele veio; se abraçou com o namorado. E aí ele se agachou e a mulher sentou na coxa dele! E o marido que ali estava sentiu muita raiva. E quando o *Amale* já estava namorando uma de suas mulheres o marido flechou ele, acertando bem nos seus ossos da costa: *toki*! O *Amale* deu um grito e a mulher também gritou dizendo:

_ O que foi?

Ela levantou e saiu correndo. O *Amale* correu um pouco e caiu, ali o marido continuou flechando ele até morrer. *Amale* ficou todo flechado e não ficou nenhuma parte do seu corpo sem flecha! E aí o rapaz foi embora para casa! Chegando lá encontrou as duas mulheres chorando! E aí ele falou para as duas:

_ Vai lá ver o marido de vocês, marido de vocês está lá!

E aí elas foram ver o namorado que já estava morto. Ao vê-lo elas choraram dizendo por que o marido tinha matado o namorado delas! Aí ficaram com muita raiva do marido, quebraram todas suas flechas e jogaram tudo o que era dele, como sua rede, entre outros objetos. Disseram para ele sair de casa por que tinha matado alguém, ou seja, o namorado delas. E assim ele foi dormir no centro da aldeia, na casa dos homens (*wetl tat*). Lá ele passou dias deitado e chorando porque suas mulheres haviam colocado para fora de casa e tinham se separadas dele. Ele chorou muito e suas ex-mulheres foi que enterraram o *Amale* e ali ele ficou enterrado! Então o marido saiu de casa onde morava e as duas continuaram a chorar pela morte do namorado. O rapaz entristecido também continuava a chorar. Até que veio outro homem e perguntou ao rapaz porque ele estava chorando e falou para ele parar de chorar e ir dançar e fazer a festa:

_ Vá fazer a festa, vá dançar e não chora mais! Vai fazer desenho da vagina da mulher para vocês mostrarem para elas!

E aí o rapaz levantou e disse:

_ Vamos!

E aí saíram e foram todos os homens dançar *Nupe nupeho* e as mulheres também saíram para fazer a mesma coisa, dançar e mostrar o desenho do pênis dos homens! E assim eles e elas se agarravam durante a dança na tentativa de tirar os órgãos genitais representadas no desenho pelas mulheres e por homens. Então as duas moças já tinham esquecido do namorado e também foram participar da brincadeira. E, em cima do lugar onde enterraram o *Amale* nasceu uma enorme árvore de pequi muito bonito e as frutas eram de cores diferentes; amarelas, brancas, vermelhas, azul e em cada galho tinha pequis com diferentes cores. E aí começaram a se alimentar das frutas a arara, curica, tucano, papagaio, entre outras aves e animais. Foi assim que os caroços espalharam por outros lugares e começou a surgir as plantas e árvores de pequi levadas pelas cutias. Dizem que foi assim que surgiu o pequi. Dizem que o pequi surgiu do pênis do *Amale* e assim se espalhou levados pelos animais, por isso que existe muito pequi em todos os lugares e em todas as aldeias. Dizem também que existe uma árvore de pequi no meio do rio, mas não se sabe exatamente em que lugar fica, que é o pênis do *Amale*.

E essa árvore de pequi deu muita fruta e começou a cair!

Aí então a mãe do grilo, que chamamos de *taromok* ou *makakay*, pediu aos filhos que fossem esperar as frutas cair e juntar as frutas debaixo da árvore do pé de pequi. E aí ela disse aos filhos que depois iria lá tirar as frutas do casco e abrir as frutas. E aí os filhos foram!

A mãe pediu que não sentassem debaixo da árvore onde estavam caindo às frutas e toda vez que caía as frutas eles pegavam e iam juntando. Mas aí não ouviram a mãe, ficaram embaixo da árvore até que um deles sentiu sono e falou para os irmãos que iria dormir um pouco e se deitou debaixo da árvore onde as frutas estavam caindo.

Um dos irmãos olhou e pediu cuidado ao irmão, falando que o pequi poderia cair em cima dele! O irmão respondeu dizendo que não. E enquanto ele dormia um pequi caiu bem em cima do seu peito, matando ele. Ai os irmãos gritaram dizendo:

_ Meu irmão morreu, pequi caiu em cima do peito dele!

Aí saíram correndo para avisar a mãe que o pequi tinha caído em cima do peito do irmão e que ele estava morto! Ai então a mãe foi lá ver, e lá estava o corpo do seu filho e os irmãos choravam! E lá mesmo debaixo da árvore enterraram ele, o *makakay*. Ai então a mãe falou para os filhos que todas as vezes que o pequi caísse eles iriam sentir saudade. É por isso que toda vez que chega a época que cai o pequi ele chora. Por isso os antigos diziam que é de saudade que ele chora, quando faz:

_ *Tawiri wiri, tawiri wiri, tawi wiri!*

É por isso que quando ouvem o *makakay*, dizem então que ele está chorando de saudade do irmão! Daí a mãe disse aos filhos que seria sempre assim, que sempre irão sentir saudade do irmão quando chegasse à época do pequi.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O mito de origem como as histórias são conhecimentos muito importante para a cultura dos povos, inclusive, para o meu povo Trumai. São conhecimentos seculares transmitidos de geração a geração, através da oralidade. Neste contexto, é importante destacarmos os anciãos como os nossos acervos tradicionais, são eles os principais responsáveis por armazenar em suas memórias os saberes e os conhecimentos tradicionais dos nossos antepassados.

O mito *Amale* é uma narrativa mitológica, sob a ótica verdadeira do meu povo Trumai, em que se explica como surgiu a primeira planta e a árvore de pequi. É um conhecimento que constitui a cultura e fortalece a identidade do povo.

Esta pesquisa é resultado de um trabalho realizado junto com a minha comunidade Trumai da aldeia Boa Esperança *Awara'i*, com base, principalmente, nos relatos da anciã Kaiulu Trumai.

O principal objetivo desta pesquisa foi valorizar e fortalecer a identidade cultural do meu povo de uma forma que este conhecimento não se perca e de desapareça futuramente.

Acredito que, com este trabalho, com o mito registrado e publicado, as futuras gerações poderão sempre ter disponível este relato do *Amale*, mesmo que qualquer mudança possa acontecer.

Para mim, do povo Trumai, foi muito importante este trabalho, pois contribui para a história do meu povo, para preservar as memórias da anciã Kaiulu sobre o mito de origem do pequi, que é memória do povo Trumai.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. MINISTÉRIO DA SAÚDE. SIASI/SESAI – Secretaria Especial de Saúde Indígena, Sistema de Informação da Atenção à Saúde Indígena

FRANCHETTO, Bruna e HECKENBERGER, Michael. Os Povos do Alto Xingu - História e Cultura. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2000.

OLIVEIRA, Sebastião Monteiro e LIMA, Antônia Silva de. O mito na formação da identidade. Dialógica - Revista eletrônica da Faced. Manaus, vol.1 n.1. 2006

CONSULTORA NATIVA

TRUMAI, Kaiulu.